



PUC-SP

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Ana Carolina Ribeiro Ferreira**

**Reformas de base em Triste fim de Policarpo Quaresma**

**São Paulo – SP**  
**2018**



**Ana Carolina Ribeiro Ferreira**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Curso de Pós Graduação – Lato Sensu: História, Sociedade e Cultura**

**Reformas de base em Triste fim de Policarpo Quaresma**

Artigo apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em História, Sociedade e Cultura, sob a orientação do professor Dr. Josias Abdalla Duarte.

**São Paulo – SP**

**2018**

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o contexto socioeconômico e a necessidade de reformas estruturais no Brasil do início da República a partir da leitura do romance "Triste fim de Policarpo Quaresma", do escritor carioca modernista Lima Barreto.

**Palavras-chave:** reformas estruturais – início da República – Lima Barreto – Triste fim de Policarpo Quaresma

## ABSTRACT

The present article aims to present the socioeconomic context and the need for structural reforms in Brazil at the beginning of the Republic, according to the perspective of the modern writer Lima Barreto, in the novel "Triste fim de Policarpo Quaresma".

**Keywords:** structural reforms – beginning of the Republic – Lima Barreto – Triste fim de Policarpo Quaresma

## INTRODUÇÃO

Afonso Henriques de Lima Barreto, 1881-1922, jornalista e escritor carioca, morador do bairro Todos os Santos, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, destoava da grande maioria dos escritores brasileiros de sua época, enquanto os literatos de seu tempo buscavam produzir uma literatura requintada, de fortes influências europeias, Lima Barreto andava na contramão da produção intelectual, escrevendo de maneira revolucionária frente aos padrões impostos pelos grandes representantes da classe artística; tal classe artística era composta pela elite brasileira, que preocupada em parecer civilizada, sofisticada e moderna aos olhos do mundo reproduzia o comportamento europeu ao imitar seus hábitos, assim como buscava reproduzir os moldes artísticos vindos especialmente da França, e mais especificamente Paris, centro cosmopolita responsável pela difusão de valores e tendências que estavam em alta durante a Belle Époque. Lima Barreto, diante dos inúmeros e graves problemas sociais que atingiam o Rio de Janeiro e o Brasil inteiro durante o período da Primeira República, produz sua literatura oposta àquela que era lida e aclamada nos grandes salões da alta sociedade; seus escritos são fortemente marcados por críticas contundentes que não poupam ninguém, sob sua mira estão: o Estado, artistas louvados de seu tempo, jornalistas, políticos, militares; a sociedade como um todo não escapa de seu olhar crítico, muitas vezes sarcástico e impiedoso.

Ao longo de sua prolífica produção literária Lima Barreto escreveu para diversos periódicos, inclusive jornais de viés anarquista e socialista; publicava sátiras e crônicas onde criticava os políticos de sua época, denunciando sua corrupção e incompetência administrativa, assim como também criticava a hipocrisia da sociedade ao seu redor, que assim como o Rio de Janeiro, capital federal, se europeizava com o intuito de parecer civilizada. O escritor de Todos os Santos denunciava as desastrosas medidas tomadas pelo Estado para modernizar o país, em especial a cidade do Rio, à época capital do Brasil. Além das crônicas de cunho sócio-político publicadas em periódicos e livros, Lima também escreveu romances nos quais retratou a cidade carioca, em especial os longínquos subúrbios e seus habitantes: o operariado. Sob sua pena os mais variados tipos que figuravam nos subúrbios eram descritos: trabalhadores honestos, ex-escravos, malandros, espertalhões, moças ingênuas, donas de casa, militares de baixa patente, pequenos

comerciantes, todos retratados de maneira contundente, assim como suas vidas, suas alegrias, seus sofrimentos e a luta diária pela sobrevivência eram desvelados. O literato atuava como verdadeiro cronista das ruas, nada escapava ao seu olhar perspicaz, nem a sua crítica feroz enquanto transitava pelas ruas do Rio, especialmente pelas ruas dos distantes subúrbios, lugar onde os esquecidos, aqueles deixados à margem pelo poder público, habitavam silenciosamente.

A literatura barretiana foi além dos flagrantes do cotidiano das ruas de Todos os Santos e tantos outros bairros; o autor também escreveu romances, entre eles o “Triste fim de Policarpo Quaresma”, que foi publicado pela primeira vez no Jornal do Commercio, no formato de folhetim e posteriormente lançado no formato de livro em dezembro de 1915. “Triste fim de Policarpo Quaresma” é considerada a mais bem acabada de suas histórias, visto que nesse romance Lima vai além de suas amarguras pessoais e compõe o seu maior personagem: o major Policarpo Quaresma, patriota incondicional. Quaresma, que ama sua pátria acima de tudo, faz o que está ao seu alcance para provar o valor e a grandeza de seu país perante o resto do mundo, não importando o quão dura e ingrata essa tarefa possa ser; pois para o major visionário sua amada pátria vale todo o seu esforço e dedicação, mesmo que para isso ele tenha que se sacrificar. Ao longo do enredo desenrola-se a trajetória do major patriota, que é marcada tanto por momentos cômicos como trágicos; durante a leitura o leitor é levado a revisitar o Brasil do fim do Império e início da República, assim como acaba por partilhar os anseios e dúvidas vivenciados pelo povo à época do nascimento da República, tempo de grandes expectativas e esperança, especialmente para aqueles que não eram bem-aventurados.

### **O cronista das ruas cariocas e o nascimento da República**

Lima Barreto, escritor carioca morador dos distantes subúrbios não era um cidadão passivo que assistia calado as transformações em seu país, muito longe de ser indolente era um cidadão consciente, participativo e que sabia de seus direitos, assim como sabia que a nova forma de governo que havia sido implantada, a República, não estava solucionando velhos problemas do Brasil que se arrastavam por anos: muito longe de trazer soluções o novo regime manteve as velhas injustiças que beneficiavam pequenos grupos em detrimento da grande maioria dos

brasileiros, uma vez que as estruturas do Estado não foram modificadas.

A Proclamação da República Brasileira deu-se em 15 de novembro de 1889, na cidade do Rio de Janeiro, à época capital do Império, por meio de um Golpe de Estado político-militar orquestrado por um grupo de militares brasileiros liderados pelo marechal Deodoro da Fonseca. Os militares estavam descontentes com o Império, assim como outros setores da população, os fazendeiros estavam descontentes devido a abolição da escravatura que havia sido consolidada com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 pela princesa Isabel; após a abolição os ex-donos de escravos não foram indenizados como o imperador havia prometido, e assim Dom Pedro II perdeu o apoio de um setor importante que ajudava a sustentar o império. Havia também forte descontentamento por parte de setores progressistas, visto que a escravidão foi mantida no país por muito tempo, além das críticas e descontentamento pela falta de iniciativas para que o país se desenvolvesse de modo geral, pois a pobreza assolava a grande maioria da população.

No Brasil da véspera da inauguração da República o voto ainda era censitário, ou seja, de acordo com a renda anual das pessoas, desse modo o direito ao voto ficava restrito a uma pequena parcela da população; a miséria, o alto índice de analfabetismo e a crise econômica na qual o país estava mergulhado, agravada pelas despesas com a Guerra do Paraguai, foram determinantes para o declínio da popularidade do Império; há ainda que se considerar que o restante dos países do continente era republicano, e esse fator deixava ainda mais explícito o atraso do Brasil em relação aos outros países sul-americanos. Havia, ainda, o receio de que o país fosse governado por um estrangeiro após a morte de dom Pedro II, visto que o imperador só tinha filhas, e a mais velha, princesa Isabel, era casada com um conde francês que não era visto com bons olhos pela maior parte da população. Outro fator decisivo para a queda do Império foi a questão abolicionista, com a proibição do tráfico negreiro em 1850 o Império adotou medidas para que o país deixasse de ser escravocrata de forma gradual, temendo que a libertação simultânea de todos os escravos provocasse grandes consequências como nos Estados Unidos, que mergulhou em uma guerra civil após a abolição da escravatura. A primeira medida tomada para pôr fim a escravidão no Brasil foi a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, de 1850, que proibiu a entrada de africanos escravos no país; a segunda foi a Lei do Ventre Livre, de 1871; a terceira foi a Lei dos sexagenários, de 1885, e por

fim a Lei Áurea, de 1888; após o decreto da Lei Áurea os ex-donos de escravos, último grupo que poderia sustentar o imperador, passaram a apoiar o ideal republicano, principalmente porque não receberam a indenização pelos escravos como havia sido prometido.

O imperador Dom Pedro II também enfrentou problemas com a Igreja Católica, visto que os bispos de Olinda e Belém do Pará acataram a ordem do Papa Pio IX de excluir maçons da igreja católica, desobedecendo o imperador que não aprovava tal medida, pois havia no Brasil maçons influentes ligados à monarquia. Diante da decisão dos dois bispos Dom Pedro II mandou prendê-los por desobediência, tal incidente contribuiu para agravar a crise na qual o Império mergulhava cada vez mais, pois o apoio da Igreja Católica era de vital importância para que o regime se mantivesse forte.

Outra esfera do poder que estava demasiado descontente com a situação era o setor militar; a falta de autonomia para os membros do exército e a baixa valorização por parte do governo não melhorou, mesmo após o fim da Guerra do Paraguai a marinha continuava a receber muito mais atenção por parte do imperador, e os militares perceberam que sua dedicação não estava sendo reconhecida e recompensada. Ao longo da Guerra do Paraguai os militares e os civis que foram convocados a lutar tomaram conhecimento a respeito da realidade dos outros países sul-americanos, isso despertou o interesse pela ideologia republicana, motivando o interesse pela mudança no regime político do Brasil, desta forma reformas sociais e econômicas começaram a ser pensadas e se tornaram interesse de parte da população brasileira que ansiava por melhorias ao seu redor.

Nas palavras de Aristides Lobo, jornalista e líder republicano, o povo assistiu bestializado à proclamação da república, porém estudos mais recentes contrariam essa afirmação mostrando que havia um apoio massivo por parte da população brasileira em relação à mudança de governo para a República. Grande parte do povo apoiava o ideal republicano porque estava cansada da situação de miséria em que o país estava mergulhado e acreditava que o novo regime poderia trazer desenvolvimento a partir de reformas sociais e econômicas, algo que a velha monarquia jamais tencionou realizar; havia a esperança de que a partir da proclamação da república a solução para os graves problemas que se arrastavam ao longo dos anos finalmente seria alcançada; a expectativa era de que não houvesse mera mudança do governo, e sim que o advento da República trouxesse líderes

progressistas capazes de governar de maneira diferente da monarquia que já se mostrara ultrapassada e ineficaz.

Diante da crise econômica, dos problemas com os religiosos causados pelos bispos que cumpriram as ordens do papa Pio IX sem consultar Dom Pedro II, a questão abolicionista e o desgaste com o setor militar, o Império perdeu todos os pilares que o sustentavam, perdendo sua legitimidade e sucumbindo ao golpe de Estado político-militar que deu origem à República; após a proclamação Dom Pedro II foi deposto e exilado na Europa com sua família, iniciou-se, então, a chamada Primeira República Brasileira, também conhecida por República Velha, dividida em dois períodos distintos: a República da Espada e a República Oligárquica. A República da Espada, que se estende da proclamação da República em 15 de novembro de 1889 até 1894, teve como presidentes os marechais Deodoro da Fonseca, que esteve à frente do governo provisório até 1891, e Floriano Peixoto, que assumiu a presidência em 1891 até 1894. O período da República da Espada foi profundamente marcado pela centralização do poder nas mãos dos militares, resultando em um regime ditatorial, a justificativa para a centralização era o combate aos focos de resistência apoiadores de Dom Pedro II e o perigo da restauração da monarquia, durante esse período houve manifestações contrárias ao governo, como a Revolta da Armada (1891 – 1894), que se iniciou durante o governo de Deodoro da Fonseca e se prolongou até o governo de Floriano Peixoto; a insurreição foi liderada por altos membros da marinha simpatizantes da monarquia e que estavam insatisfeitos com os poderes ditatoriais do exército. O motim foi derrotado em 1894, diante da forte repressão com a qual a revolta foi combatida Floriano Peixoto passou a ser chamado de Marechal de Ferro.

**Major Policarpo Quaresma: personificação da euforia nacionalista do início da República, personificação da desilusão nacional.**

É nesse período convulso da história do Brasil que estão inseridas a vida e a obra de Lima Barreto, o cronista de Todos os Santos, que fora testemunha de tantas transformações e momentos decisivos nos rumos do país. Suas crônicas e romances registraram com fidelidade o retrato de um país e seu povo, revelando seus anseios, angústias e a luta diária pela sobrevivência em um Estado alicerçado na desigualdade social.

“Em Triste fim de Policarpo Quaresma”, romance originalmente publicado em folhetins na edição da tarde do Jornal do Commercio, no Rio de Janeiro, em 1911, há um genuíno registro das esperanças e amarguras vivenciadas pelos brasileiros durante o período da queda do Império e nascimento da República; Lima testemunhou um país imerso em convulsões sociais e econômicas, assim como testemunhou a esperança de um povo que depositava nas mãos do nascente regime republicano a confiança em um futuro melhor para todos, mas especialmente para aqueles que sempre foram esquecidos pelo poder público. Sob sua pena os mais diversos tipos de brasileiros foram representados: pobres, burgueses, funcionários públicos, militares, políticos; todos foram retratados, foram registrados também os nacionalistas típicos da época.

Com o advento da República muitos brasileiros sentiram confiança em relação ao futuro do Brasil, acreditando no potencial dos ideais republicanos e no potencial do próprio país, repleto de riquezas; diante do clima de euforia muitos intelectuais manifestaram seu otimismo e sentimentos de esperança no futuro promissor, entre esses intelectuais está Afonso Celso, escritor e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. O conde Afonso Celso é autor de “Por que me ufano de meu país”, de 1900, livro onde expressa seu otimismo em relação ao governo republicano e ao futuro do Brasil. Lima Barreto, por meio de suas crônicas, critica esse tipo de nacionalismo tão comum durante a época da Primeira República; ao seus olhos tal patriotismo era ingênuo, desprovido de senso crítico pois romantizava o novo governo e exaltava as riquezas do Brasil de maneira exagerada, ignorando a real situação precária que não foi alterada após a Proclamação da República.

Em seu mais famoso romance, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, Lima retrata o nacionalismo que surgiu e se tornou comum à época do início da república; o major Policarpo Quaresma é a personificação do nacionalista que, tomado pela empolgação causada pela Proclamação da República e as esperanças que os novos tempos traziam, saía em defesa da pátria, enaltecendo-a em todas as ocasiões possíveis. Por meio de seu protagonista o autor critica profundamente a postura ufanista que se tornou comum entre os intelectuais durante os primeiros anos republicanos, o major Policarpo Quaresma é a personificação do patriotismo romântico. Para o cronista de Todos os Santos o tipo de patriotismo que estava em alta em sua época era exacerbado, pois os brasileiros que se enquadravam nesse

perfil nacionalista ignoravam os grandes problemas existentes no país, uma vez que pertenciam a classes altas da sociedade e desconheciam completamente a dura realidade enfrentada diariamente pela população pobre. “Triste fim de Policarpo Quaresma” é dividido em três partes, na primeira o major Quaresma, protagonista da história, é apresentado ao leitor, assim como todo o universo que o circunda, suas ideias sobre a pátria e seus anseios; na segunda parte o protagonista vai morar no campo para experimentar a vida de agricultor, há também o intuito de provar a fecundidade das terras brasileiras e servir de exemplo para os camponeses locais; na terceira e última parte Quaresma deixa seu sítio no interior do Rio de Janeiro e parte para a capital para prestar o seu auxílio ao então presidente Floriano Peixoto durante a segunda Revolta da Armada, e assim servir a seu tão amado país.

Quaresma ama a sua pátria incondicionalmente, ainda moço começa a se interessar pela pátria e assuntos ligados a ela; assim como o romancista o personagem nacionalista presencia a República da Espada, tendo à frente o marechal Floriano como presidente. O personagem é tomado pela euforia e clima de otimismo causados pela transição do Império para a República; aos dezoito anos de idade o jovem patriota decide ser militar, porém como não fora aprovado pela junta médica entra para o serviço burocrático no Arsenal de Guerra; dedica anos de sua vida ao estudo de tudo que possa lhe servir ao entendimento de seu país, os temas de seus estudos variam muito de área, tudo o que está relacionado à sua terra é de seu interesse: a música, folclore, culinária, botânica, recursos naturais, história, geografia, geologia etc., tudo que de alguma forma possa ajudar no aprendizado da história de sua amada pátria e tudo aquilo que possa ajudá-lo a compreendê-la com profundidade e fornecer mais informações para exaltá-la o major se dispõe a estudar obstinadamente.

Ao longo do enredo, sempre movido por seu amor incondicional pelo Brasil, o major se envolve em diversos mal entendidos que muitas vezes resultam em grandes confusões, mesmo após se envolver em tantos problemas ele não desiste de estudar e se dedicar profundamente à pátria; tamanha devoção aos seus ideais faz com que ele passe por excêntrico aos olhos de seus vizinhos, conhecidos, colegas de trabalho, amigos e até mesmo familiares, pois ninguém consegue compreender seus interesses e ações, nem seu amor pela pátria, tampouco a importância da dedicação ao país é compreendida; Olga, sua afilhada, é a única pessoa que apesar de não compreender por completo suas paixões e intenções fica

sempre ao seu lado dando-lhe apoio, pois ela percebe em seu padrinho algo grandioso e respeitável, assim coloca-se sempre em defesa daquele homem tão culto e incrível que conhece desde criança.

O major é subsecretário do Arsenal de Guerra há quase tinta anos, em sua vizinhança possui reputação de homem sério e abastado, sempre muito discreto, é solteiro e mora com sua irmã, também solteira, muitos do bairro o veem como misantropo e esquisito, pois não recebe visitas e não possui o hábito de conversar muito com vizinhos, embora seja sempre cortês com todos, apesar de não manter amizade com os moradores da região também não possui inimigos, o único dissabor que provocou nas redondezas foi com o doutor Segadas, médico conhecido na região e que não admite que um simples major tenha em casa uma biblioteca, pois para o médico apenas pessoas com ensino superior devem ter livros em casa, caso contrário é pedantismo; o discreto major nunca mostra seus livros para ninguém, porém quando as janelas de sua sala permanecem abertas é possível ver da rua sua grande estante de livros. Em sua biblioteca há muitos exemplares de autores brasileiros de diversas áreas, como ciências, há também muitos historiadores e literatos, especialmente românticos, e autores estrangeiros que escreveram sobre o Brasil; é nesse espaço que o patriota passa boa parte de seu tempo, estudando as diversas facetas da cultura brasileira. Quaresma é muito pacato, seus hábitos são muito regulares, a ponto dos vizinhos saberem de cor sua rotina.

No Arsenal de Guerra, onde trabalha há muitos anos, o major é respeitado por sua idade e trajetória, mas também é conhecido por suas “manias de assuntos indígenas” e seus estudos nacionalistas; todos que sabem de sua paixão por coisas genuinamente brasileiras e seus estudos persistentes o acham excêntrico, porém apesar de ser considerado esquisito por tantas pessoas em seu trabalho o major jamais se importa com o que pensam a respeito dele e de seus hábitos. Durante as horas vagas dedica-se ao estudo do tupi-guarani, tal interesse rende-lhe o apelido de Ubirajara por parte de seus colegas de repartição, além do idioma indígena seus estudos incluem as várias tribos indígenas e o folclore; dentre as tradições folclóricas as brincadeiras, música e instrumentos musicais recebem grande atenção, especialmente a música, que assume lugar importante na rotina do major.

Para aprender verdadeiramente sobre a cultura brasileira e colocá-la em prática Quaresma passa a estudar a modinha, gênero musical genuinamente brasileiro, o major não se importa com o fato do violão, instrumento das modinhas,

ser considerado típico de malandros e faz amizade com um músico compositor de modinhas, Ricardo Coração dos Outros, trovador dos subúrbios, que logo se torna professor e amigo próximo ao major. Os vizinhos de Quaresma não conseguem compreender o seu interesse pela música popular e o violão, ficam surpresos ao verem um homem tão sério e respeitado se envolver com alguém que toca modinhas, pois o violão era sempre associado a malandros e vagabundos, era “coisa de capadócio”. Sem se importar com o que sua vizinhança pensava e falava pelas costas o major continua firme em seus propósitos de estudar a fundo o violão; além do amor pela música havia também o interesse pelas brincadeiras típicas, canções folclóricas e costumes antigos.

Em sua casa a cozinha também é um lugar de celebração da cultura brasileira, não há espaço para comidas estrangeiras, nem outros tipos de estrangeirismos, o cardápio é brasileiro, os pratos estrangeiros são sempre adaptados com ingredientes disponíveis no Brasil. Policarpo acredita que o idioma oficial do Brasil deveria ser o tupi-guarani, não o português, uma vez que esse idioma é emprestado ao Brasil. A paixão pelos estudos indígenas, principalmente o tupi, é conhecida no Arsenal de Guerra, onde o major trabalha como subsecretário, durante seus momentos vagos no trabalho ele divide com os seus colegas as novas descobertas que faz durante seus estudos, os outros funcionários do Arsenal ouvem com atenção a conversa de teor nacionalista, porém quando o major vira as costas ridicularizam-no. O major chega a enviar um requerimento ao Congresso Nacional pedindo que a língua portuguesa seja substituída pelo tupi-guarani, o verdadeiro idioma dos brasileiros. Tal requerimento traz diversas consequências para a vida do major, pois muitas pessoas próximas a ele começam a achar que está louco, sua atitude também desperta a inveja de alguns de seus companheiros de trabalho que julgam ser muita pretensão um simples subsecretário se dirigir ao Congresso Nacional e sugerir que a língua do país seja substituída; o caso do requerimento causa tanta repercussão que o major chega a ser ridicularizado em jornais e até mesmo a ser apontado nas ruas.

Após o episódio do requerimento o major ainda é tratado com desconfiança por parte de muitos em relação à sua proficiência na língua tupi, isso o irritava profundamente, visto que passara muitos anos estudando e se tornara fluente no idioma; provar que realmente sabe ler e escrever em tupi-guarani torna-se uma preocupação constante, certa vez, durante o expediente em seu trabalho, ele traduz

um documento oficial para o tupi, mas por distração acaba o enviando por engano ao diretor do Arsenal, que o assina sem reparar que estava escrito em outra língua, e assim o documento redigido em tupi vai parar no ministério, causando grande confusão por lá, sendo, por fim, devolvido e o Arsenal censurado. Por causa da censura o coronel diretor do Arsenal acaba por perder a chance de ser promovido, chance com a qual passou anos sonhando e furioso suspende Quaresma por tempo indeterminado; após ser afastado do trabalho o major acaba por ser internado em um hospício, pois o mal entendido provocado pelo documento escrito em língua indígena o deixa com os nervos alterados e sua família acredita que suas manias precisam ser tratadas; Quaresma passa alguns meses internado e durante esse tempo recebe as visitas Ricardo Coração dos Outros, Olga e seu pai, Coleoni.

Ao deixar o hospício, onde permanece por seis meses, o major, agora aposentado, decide comprar um sítio e levar a vida como agricultor, a ideia de comprar terras em uma cidade interiorana fora sugerida por sua afilhada que acreditava que os ares do campo fariam bem ao seu padrinho; o major logo se empolga com a ideia porque encontra nela uma maneira de provar que as terras do Brasil são as mais férteis do mundo, como sempre defendera, e logo compra uma propriedade em uma pequena cidade, a duas horas do Rio de Janeiro por estrada de ferro; para iniciar o seu grande empreendimento compra diversas ferramentas para trabalhar no sítio junto com Felizardo, seu empregado. Logo inicia os trabalhos na terra limpando todas as ervas daninhas e plantando diversas árvores frutíferas, o trabalho de cultivar a terra é árduo, especialmente para alguém que nascera e fora criado na cidade grande, porém o major não desiste jamais, certo de que logo colherá bons resultados de sua vida de camponês, acredita, inclusive, que a partir de seu exemplo outros agricultores ficarão encorajados a fazer o mesmo, dessa forma o problema de tantas terras férteis estarem abandonadas poderia ser resolvido; com o seu exemplo sendo seguido a capital federal ficaria cercada por terras produtivas, e assim os brasileiros poderiam dispensar os produtos argentinos e europeus.

Logo, a vida no campo é meticulosamente planejada, de acordo com o planejamento meticuloso do major as colheitas do sítio trariam lucro, porém Policarpo não pretende ganhar dinheiro, e sim demonstrar por meio do lucro as grandes qualidades da terra brasileira, isto é, que o solo fértil dessa terra é capaz de prover o sustento e trazer lucros a quem se dispuser a cultivá-las com dedicação. O major conclui que seria melhor não insistir em reformas nas instituições, como havia

pensado antes ao tentar agir pela substituição da língua portuguesa pelo guarani, e sim incentivar o fortalecimento do campo, pois para se fortalecer um país é necessário que exista forte base agrícola. Desde que se instalara no sítio Sossego, vez por outra, pessoas muito pobres da redondeza batem à sua porta para pedir diversas coisas que faltavam em suas casas, em outra ocasião um tenente da cidade, Antonino Dutra, visita o major para pedir-lhe que ajude com uma festa religiosa tradicional na região, porém nesse convite se oculta outra intenção: o oficial pretende persuadir o major a entrar para as disputas partidárias que existem na região, porém o sossegado patriota não possui nenhum interesse político, se está naquela pequena cidade é apenas por motivos patrióticos e para levar uma vida tranquila durante sua velhice, sem grandes preocupações além de seus feitos agrícolas.

Quando o major deixar claro que não pretende se envolver em disputas partidárias o tenente passa a falar sobre o sítio, diz que no passado aquelas terras foram muito produtivas e que agora estão cansadas; ao ouvir tal afirmação Policarpo discorda energicamente e afirma que se as terras da Europa são cultivadas há milhares de anos, e continuam férteis, e assim também se passa com as terras brasileiras; ao ouvir a defesa da capacidade daquele solo maltratado o tenente afirma que a Europa possui grande produção no campo porque lá as pessoas trabalham, e no Brasil, não. Diante de tal afirmação Policarpo reage dizendo que no Brasil também se trabalha e que não há barreiras que não possam ser vencidas, o tenente ainda adverte, maliciosamente, que no Brasil só se vive de política, que fora disso não há outro caminho e conta sobre as disputas entre o governador do estado e o senador da região. Policarpo não se interessa pelo assunto, pois, apesar de patriota, é completamente alheio à política; o tenente entende que ele finge não se interessar pela questão para conseguir apoio tanto do senador como do governador e com isso obter diversas vantagens em sua nova vida.

Em outra ocasião o major encontra no jornal da cidade uma referência a “estrangeiros”, pessoas não nascidas na cidade e que lá moravam e se intrometiam na vida política do lugar, na sequência da matéria havia um poema com o nome do major, os versos do poema diziam para ele desistir da vida rural e voltar à mania de escrever em tupi; através de Ricardo, que fora passar uns dias no sítio, descobre-se que o tenente Antonino espalhou na vila que Quaresma fora morar em Curuzu com o intuito de fazer política no local, daí os seus hábitos de dar esmolas à gente pobre

do lugar, permitir que fizessem lenha em sua propriedade etc., e que Antonino iria desmascará-lo.

Olga também vai até o interior passar alguns dias com seu padrinho, durante alguns passeios feitos pelas redondezas observa a pobreza de muitos moradores daquela região: o lugar possui ar triste, as casas são pobres, muitas não são feitas de tijolos, e sim de sapê; ao redor das casas não há hortas, nem pomares, os camponeses apresentavam um aspecto desolado, contrariando totalmente a ideia que a moça tinha a respeito dos roceiros, Olga fica impressionada com o quadro melancólico com o qual se deparara, pois imaginava que a gente do campo era sadia e forte, muito trabalhadora e o que testemunha em Curuzu é uma realidade oposta a que tinha em mente, mesmo nas fazendas o quadro não muda muito, todas são escassas em relação aos pomares e hortas, o máximo que há nas fazendas é um pequeno milho ou plantação de café em alguns cantos, impressionada com a miséria do lugar Olga se pergunta o porquê daquela situação, não se conforma que aquela situação fosse resultado de preguiça ou indolência daquelas pessoas, visto que aqueles pobres camponeses deveriam cultivar a terra pelo menos para o seu próprio consumo; também observou que não havia criações de gado, o máximo que havia naquelas terras era alguma cabra ou carneiro em uma propriedade ou outra.

A afilhada do patriota Quaresma decide conversar com Felizardo, o empregado que fora contratado por seu padrinho para ajudar com os serviços agrícolas, Felizardo é um homem do campo, acostumado a vida difícil daquela região, ao ser questionado sobre o porquê de não plantar em suas terras ele explica que a vida do camponês proprietário de pequenas terras não é tão simples como ela pensa, não há possibilidade de viver apenas daquilo que poderia ser plantado nas propriedades, pois enquanto as culturas crescem não há outra fonte de renda, e assim faz-se necessário que o roceiro trabalhe para proprietários de terras maiores, além disso Felizardo revela que as terras onde mora na verdade não são dele, e que essa é uma realidade comum na região, pois os camponeses não possuem ferramentas apropriadas para o plantio e há também as formigas e outras pragas que atrapalham o cultivo das plantas, o poder público não oferece ajuda aos habitantes pobres do interior para que eles cultivem as terras onde habitam, Felizardo ainda revela que o plantio é uma boa alternativa para imigrantes europeus, como italianos e alemães, que recebem ajuda do governo para se instalarem no Brasil, porém ao contrário dos estrangeiros brancos vindos da Europa os brasileiros

do interior como ele, negros e pobres, não possuem chances de receber qualquer tipo de incentivo para se estabelecerem em alguma terra e poder produzir para a própria subsistência, pois o governo, no dizer de Felizardo, não gosta dos brasileiros do interior. Olga se pergunta, ainda, de quem são todas aquelas terras, se não pertencem aos pobres camponeses que nelas habitam, pertencem a quem? Por que havia ali tantas terras abandonadas, inclusive fazendas fechadas, com casas em ruínas, por que tantas terras improdutivas, sendo desperdiçadas enquanto havia gente pobre que não possuía terras próprias, por que aquelas pessoas não eram incentivadas a cultivar as terras? Por fim, por que o governo não via com bons olhos aqueles brasileiros?

Além da Olga, Quaresma também observa a situação alarmante que o cerca, pois após alguns meses vivendo no campo passa a ficar angustiado com o que vê todos os dias: a miséria dos camponeses, aquelas abundantes terras entregues ao completo abandono, a ausência do espírito de coletividade nas famílias, que unidas poderiam produzir seu próprio alimento; meditava, ainda, sobre a política imigrantista do governo que trazia europeus para o Brasil, levando-os para o campo, incentivando-os a trabalhar através de ajuda e doação de terras enquanto simultaneamente ignora por completo a existência da população campestre brasileira e todas as dificuldades com as quais vive.

Mais adiante outras decepções logo vieram: após o seu pomar finalmente dar frutos não havia para quem vendê-los na região, havia, no máximo, um ou outro que quisesse comprar algumas frutas por preços baixíssimos, assim a única saída possível foi ir até o Rio para vender o fruto de seu árduo trabalho, porém com os valores do transporte por trem, salário dos criados e todos os outros gastos o lucro acaba por ficar muito baixo, totalmente irrelevante, após sua primeira venda o pomar do sítio é atacado por formigas saúvas e logo o major percebe que para solucionar o problema é necessária a intervenção do poder público para o auxílio dos cultivadores, ou talvez a união dos agricultores pudesse pôr fim àquele problema; outro problema inesperado surge: uma epidemia que quase acaba com o galinheiro do seu sítio.

Diante de tantos obstáculos o obstinado patriota não desiste de sua lavoura, mesmo quando sua irmã Adelaide o aconselha a desistir do trabalho agrícola; a desistência da vida de cultivador jamais é cogitada, pois não há o objetivo de se fazer fortuna, seu grande objetivo sempre foi desde o início servir de exemplo para

outros cultivadores e, assim, levantar a agricultura local.

Em outra ocasião o major é visitado pelo presidente da Câmara que tenta persuadi-lo a se tornar eleitor para votar em seu partido, porém apesar de ser patriota Policarpo continua sem o menor interesse pela política e rejeita a possibilidade de participar da vida política da cidade, dias depois chega ao seu sítio uma carta o intimando a capinar toda a extensão da estrada que acompanha suas terras, tratava-se de uma vingança de Campos, presidente da Câmara, que por não obter o apoio do major nas eleições utiliza seu poder para castigá-lo. Durante a leitura da carta Policarpo pensa nos miseráveis moradores do lugar e logo compreende que as autoridades governamentais utilizam seus poderes como instrumento para dominar e oprimir todos aqueles que de alguma forma não colaboram com os seus interesses ou que simplesmente são irrelevantes para os seus planos; a explicação para tantas terras entregues ao abandono e a inércia que reina no lugar veio à tona, finalmente a falta de iniciativa e a situação precária dos moradores foi compreendida, finalmente pôde compreender o porquê de Felizardo, seu empregado, estar totalmente entregue à bebida, sem ânimo para plantar nada nas terras onde mora.

Após ser punido pelo presidente da Câmara com uma intimação para roçar as terras ao longo de seu sítio por não colaborar com as eleições o major ainda recebe um comunicado da coletoria onde descobre que precisa pagar uma multa no valor de 500 mil réis por ter enviado produtos de sua lavoura para a venda na cidade sem ter pago os respectivos impostos; Quaresma entende que desta vez quem se vinga dele é Antonino Dutra, o escrivão que também tentara conquistar o seu apoio para as eleições locais. Logo o major percebe que com tais impostos abusivos seria impossível que a agricultura prosperasse, principalmente os pequenos produtores, como aquela gente que mora nas redondezas de seu sítio; o quadro que se desenhara em sua mente no momento em que recebera a carta vinda do município voltou a desenhá-lo de forma mais nítida e sombria: naquelas condições, com tantos entraves postos pelo poder público e por atravessadores que cobravam impostos abusivos por tão poucas mercadorias seria impossível que a situação de miséria daquela gente do interior mudasse; também pensa em seu galinheiro que fora reduzido pela metade: uma misteriosa peste devastara sua criação, e não se conformava que ninguém, naquela terra com tantas escolas e tantos homens tidos como sábios, não pudesse fazer nada a respeito para amenizar o grande prejuízo

que ele e muitos dos pequenos criadores levavam quando essas pestes atacavam suas criações.

Diante do quadro desolador que presenciava, o incansável Quaresma se lembra da época em que estudava tupi, o folclore do Brasil e a modinha, pensou também em sua vida no campo e de sua vontade de viver daquilo que o solo fértil brasileiro lhe daria, pensou em seu objetivo de viver como agricultor para dar exemplo aos camponeses da cidade, meditou por alguns instantes e percebeu que tudo aquilo a que tinha se dedicado por anos era insignificante, visto que na situação em que se encontrava a cidade de Curuzu, assim como o interior do país, de maneira geral, era necessário reorganizar a administração dos municípios e estados, era necessário promover reformas profundas no Brasil.

Após se deparar com a dura realidade por trás da pobreza dos camponeses da cidade onde estava morando o incansável Quaresma recebe a notícia de que a segunda Revolta da Armada acabara de estourar e que o governo estava recrutando pessoas para combater os insurgentes; logo que recebe a notícia corre à capital para se alistar e lutar pela pátria e pelo marechal Floriano Peixoto, então presidente do Brasil. O major pensava em um governo forte e respeitável para o Brasil, meditava grandes reformas agrícolas e foi pensando nesse governo que se dirigiu à capital para declarar seu apoio ao marechal Floriano Peixoto; antes de partir redigiu ao presidente um memorial onde falava sobre leis agrárias, apontava, ainda, todos os entraves que impediam a agricultura de prosperar no interior do país, o documento apresentava a concentração de terras, as exações fiscais, fretes abusivos, pouco espaço nos mercados e abuso de poder como as causas da fraqueza da agricultura. O memorial é entregue ao presidente durante uma breve conversa no Itamarati, porém Floriano não lhe dá atenção e ainda rasga uma das primeiras páginas do documento para escrever um bilhete ao ministro da Guerra; durante a conversa com o marechal Quaresma acaba sendo incluído no batalhão do Cruzeiro do Sul.

Em outra ocasião do enredo, enquanto anda pelas ruas, presencia um tumulto e descobre que seu amigo violeiro, Ricardo Coração dos Outros, foi incorporado a um batalhão a força, pois as forças do governo estavam precisando com urgência de gente e não havia muitos voluntários, o major tenta fazer com que o trovador seja dispensado do serviço militar, porém suas tentativas são todas em vão e Ricardo é transformado em cabo e incluído ao batalhão onde Quaresma iria servir. Certa vez o

major encontrou o presidente Floriano Peixoto durante uma visita ao posto onde o seu batalhão estava acampado; Policarpo vai ao encontro do presidente para conversar e lhe pergunta se havia lido o seu memorial, Floriano responde sem nenhum entusiasmo que já o havia lido, e diante da resposta o major começa a falar com entusiasmo sobre como seria fácil erguer o país através de grandes reformas que liquidassem todos os entraves existentes no campo e que foram apontados por ele, como os erros na legislação defeituosa e inadaptável às condições do país e os altos tributos pagos por todos aqueles que enviavam aos mercados os produtos de suas lavouras; o presidente ouve tudo sem paciência, se irrita com a conversa e interrompe o major dizendo que ele não iria colocar a enxada nas mãos dos camponeses (que em sua visão eram desocupados que não se interessavam pelo trabalho), que não haveria exército suficiente para tal tarefa; porém o patriota sonhador continua a falar e ainda diz que por meio de medidas severas e adequadas seria possível incentivar o aparecimento de iniciativas no campo entre os pequenos proprietários de terras e assim fortalecer a agricultura do país tornando-o independente. Floriano acaba por ficar muito aborrecido com aquelas ideias e diz que Quaresma é um visionário; diante dessa reação o major fica profundamente desapontado e muito abatido com a reação do presidente, pois aos seus olhos o marechal era um grande estadista, um homem interessado pelo fortalecimento de seu país e povo, após o encontro e a conversa a respeito das reformas passa a se perguntar do porquê deixara sua vida sossegada no campo para se arriscar nas trincheiras, se pergunta, ainda, que direito aquele homem tinha sobre a vida daqueles que morriam durante as batalhas, defendendo o seu governo, e sua imagem, que estadista era aquele que não se interessava pelo progresso do próprio país, pela vida da população rural abandonada à própria sorte, que chefe de Estado era aquele que simplesmente ignorava os esforços e préstimos de um concidadão patriota que se colocava inteiramente à sua disposição unicamente pelo engrandecimento do país?

Após ficar mergulhado em reflexões, meditando o resultado de seu encontro com o marechal o obstinado patriota considera a possibilidade do presidente não ter dado a devida atenção às suas propostas por estar em um momento muito delicado e sem tempo para pensar em reformas; o major passa a hesitar entre a desesperança diante da resposta de Floriano e a possibilidade dele considerar as reformas em um momento oportuno no futuro.

Mais adiante no enredo o major é enviado à uma ilha onde há um cárcere para onde são enviados os rebeldes capturados durante a revolta; nessa ilha o major presencia diversas arbitrariedades cometidas pelos oficiais a mando do presidente: marinheiros insurgentes capturados durante as batalhas são sumariamente fuzilados. Ao presenciar o fim trágico dos rebeldes Quaresma fica horrorizado e não consegue ficar calado diante de tantas barbaridades e assim acaba por enviar uma carta ao presidente sem saber que é ele quem ordena os fuzilamentos; ao receber a carta com a denúncia sobre os fuzilamentos Floriano Peixoto acusa Policarpo de traição à pátria, tal acusação culmina na prisão do major. Depois de ser preso o incansável patriota finalmente compreende que aquele presidente a quem tanto admirava, a quem servira por livre e espontânea vontade, arriscando sua vida na guerra, era na verdade um ditador; o major ainda chora em sua cela ao se dar conta de que todos os seus numerosos esforços pela pátria foram em vão, pois aquele a quem considerava um grande estadista ordenara o seu fuzilamento, sem que ele tivesse direito à qualquer defesa: Quaresma passa de nacionalista exacerbado a um homem derrotado, profundamente desiludido, executado por ordens daquele que um dia representou a sua esperança.

## **O Brasil da Primeira República**

A queda do império e nascimento da república no Brasil foi um período convulso, marcado por agitações nos âmbitos político, econômico e militar do país; o império, cada vez mais desgastado, perdia a popularidade e apoio dos setores que o sustentavam, o descontentamento da população crescia ao passo que o movimento republicano ganhava cada vez mais adeptos em meio a aguda crise econômica iniciada com o Encilhamento, e que assolava o país; já não era possível sustentar a monarquia que perdera pilares fundamentais como a igreja católica e os latifundiários que passaram a apoiar os republicanos devido a insatisfação causada pela abolição da escravidão e falta de indenização pelos escravos recém-libertos. Após perder o apoio dos últimos setores que serviam de alicerce para o regime monárquico o império sucumbe diante de um golpe de Estado orquestrado por militares apoiados por republicanos. Nasce a República da Espada, primeiro período da República Velha, caracterizada pela centralização do poder nas mãos dos militares que promoveram o Golpe de Estado, tal centralização de poder durante a

República da Espada era justificada pela ameaça da restauração da monarquia, assim como uma possível divisão do Brasil.

Durante o período de 1888 a 1906 o movimento portuário carioca aumentou de forma significativa devido ao grande volume de importações, tal acontecimento fez com que a cidade do Rio passasse a ficar em permanente contato com as produções e comércio europeus e estadunidenses, o contato com países mais desenvolvidos passou a influenciar o modo de vida da sociedade carioca, transformando a cidade no maior centro cosmopolita do país; a descoberta de tudo o que vinha da Europa e Estados Unidos, tanto no plano material como no plano das ideias, influenciou fortemente a elite local, o espírito da Belle Époque logo se instalou na cidade e passou a moldar o comportamento dos cariocas da alta sociedade, ávidos por consumo, novidades e pelo estilo de vida aos moldes europeus, especialmente o parisiense.

Os novos tempos vindos com o advento da República e os anseios da elite carioca estavam em total descompasso com a realidade local: o que existia era uma cidade ainda com fortes aspectos coloniais, feia, atrasada, suja e insalubre. O atraso material da capital federal era grande e ficava ainda mais evidente diante da demanda das classes altas por consumo; fazia-se necessário modernizar o país, que estava atrasado inclusive em relação a alguns de seus vizinhos sul-americanos, como a Argentina, por exemplo, que possuía uma capital mais moderna.

Durante o nascimento da República os habitantes da cidade do Rio adoeciam com frequência, assim como diplomatas de outros países e todos os visitantes brasileiros e estrangeiros que por ela passavam. As áreas pantanosas eram responsáveis pela proliferação de doenças graves como a febre tifoide, febre amarela, varíola, tuberculose, malária e lepra; a população pobre era a maior vítima da situação de insalubridade da cidade, visto que habitavam em apertados cortiços e casas de pensão espalhados pela região central; a situação precária de higiene nessas moradias populares e a falta de saneamento básico causavam surtos de doenças e o contágio era facilitado pela alta concentração de moradores em cômodos muito pequenos. As estalagens superlotadas da cidade não eram vistas com bons olhos pelas autoridades locais, não apenas por serem consideradas focos de epidemias, mas também porque as pessoas que residiam nelas eram marginalizadas, consideradas perigosas e uma grande ameaça à ordem pública.

Diante do quadro caótico e de total atraso fazia-se urgente a reforma da

paisagem urbana, uma vez que, além dos anseios por modernidade havia, ainda, a preocupação com a impressão causada aos estrangeiros que vinham ao país: era necessário passar boa impressão e conquistar a confiança dos investidores de outros países, e para se alcançar tal objetivo uma reforma profunda fazia-se necessária no país, começando pela capital: a cidade do Rio de Janeiro. Nas palavras de SEVCENKO (1995)<sup>1</sup>:

“A nova filosofia financeira nascida com a República reclamava a remodelação dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. Era preciso ajustar a ampliação local dos recursos pecuniários com a expansão geral do comércio europeu, sintonizando o tradicional descompasso entre essas sociedades em conformidade com a rapidez dos mais modernos transatlânticos. Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da cidade, toda ela voltada para a ‘novidade’, a ‘última moda’ e os artigos ‘dernier bateau’.”.

Em nome da modernização a alta sociedade brasileira passou a se comportar de maneira cada vez mais parecida com a europeia, imitando especialmente o modo de vida francês, condenando tudo que estava ligado à cultura popular. Para se garantir um aspecto europeizado, isto é, um aspecto civilizado da capital aos olhos dos estrangeiros o poder público inicia um processo de mudança urbana radical, que nas palavras do historiador Nicolau Sevcenko constitui na Regeneração.

A Regeneração foi um processo de reforma da cidade do Rio que abrangia muito mais do que o plano concreto da realidade brasileira, pretendia-se reformar também o plano das ideias e o comportamental, desta forma a elite incorporou o estilo de vida parisiense, considerado sofisticado e tido como referência comportamental, visto que à época a França era o grande centro difusor dos ideais da Belle Époque, especialmente Paris, sua capital.

O processo da Regeneração se inicia no ato de negar e reprimir todas as manifestações da cultura popular praticadas pelo povo, uma vez que esses hábitos poderiam macular a imagem da capital que pretendia se fazer moderna e elegante, assim como a elite carioca poderia ser estigmatizada, comprometendo os ares de civilidade que se desejava transmitir aos estrangeiros presentes no Brasil, assim como ao resto do mundo. No âmbito material a Regeneração promoveu grandes reformas estruturais e arquitetônicas que se iniciaram com o velho porto da cidade, pequeno e inadequado para receber navios de grande porte que, a partir de 1888, passaram a entregar mercadorias no país que necessitava cada vez mais de novos

---

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª Ed; São Paulo: Brasiliense, 1995, p.28.

bens para satisfazer as demandas da sociedade, ávida por consumo e novidades. Uma das mais impactantes medidas do projeto de reforma da capital para modernizar o espaço urbano foi a remodelação de toda região central com a construção de grandes avenidas, ruas largas e jardins; o local que antes era ocupado pelas classes populares compostas por negros, mulatos, brancos e portugueses pobres foi destinado ao uso praticamente exclusivo da classe dominante, assim todas as casas de pensão, estalagens e cortiços que serviam de moradia aos pobres foram demolidos e o contingente de moradores, em grande parte sem receber indenizações pelas expropriações, foi expulso para áreas mais afastadas da cidade e para os morros adjacentes, dando origem às primeiras favelas da cidade do Rio de Janeiro; além da expulsão da população pobre houve também a expulsão de barracas, quiosques, pequenos restaurantes e carroças, moradores de rua, pedintes e qualquer um que pudesse representar algum tipo de ameaça à segurança e à ordem foram igualmente expulsos para as regiões periféricas, como observa SEVCENKO (1995)<sup>2</sup>:

“Por trás dessas recriminações, estava o anseio de reservar a porção mais central da cidade, ao redor da nova avenida, para a “concorrência elegante e chic”, ou pelo menos modelar por esse padrão todos ou tudo que por ali passasse ou se instalasse”.

A política de Regeneração do espaço urbano posta em prática chegou ao ponto da promulgação de uma lei que proibia os cidadãos de andar pelas ruas descalços ou em mangas de camisa, qualquer indício de pobreza deveria ser ocultado, assim como qualquer hábito ou manifestação de cunho popular deveria ser reprimido em nome da ordem, civilidade, modernidade e do estilo de vida importado da Europa, tido como civilizado e ideal.

Com a Abolição da escravidão surgiu no país um grande contingente de desempregados formado pelos escravos recém-libertos; no início da República a cidade do Rio teve sua população aumentada de maneira considerável, uma vez que o contingente de ex-escravos foi somado aos trabalhadores desempregados que chegavam à cidade, vindos do interior do Rio de Janeiro e outros estados após o início da crise cafeeira, também havia os estrangeiros que chegavam ao país, trazidos pelo governo que estava incentivando a imigração de europeus, compondo, assim, um quadro de caos social na capital que possuía pretensões de se fazer

---

<sup>2</sup> Idem, p. 34.

civilizada e moderna aos olhos do mundo. De acordo com SEVCENKO (1995)<sup>3</sup>:

“A Abolição e a crise da economia cafeeira que se lhe seguiu (...) desencadeou uma enorme mobilização (85.547 pessoas) da massa humana outrora presa àquela atividade e que em boa parte iria afluir para a cidade do Rio, fundindo-se ali com o já volumoso contingente de escravos recém-libertados, que em 1872 chegara a constituir 18% (48.939 pessoas) da população total da capital do Império. Vêm somar-se a essa multidão os sucessivos magotes de estrangeiros, que a previdência dos proprietários pressagiosos da Abolição e as vicissitudes europeias arrastaram vacilantes para o porto do Rio, os quais somaram 70.298 pessoas de 1890 a 1900, 88.590 de 1900 a 1920, perfazendo um total de 158.888 imigrantes de 1890 a 1920”.

Nesse contexto de recepção de trabalhadores vindos de outros lugares, desempregados após a crise da produção cafeeira, e da vinda de estrangeiros para o Brasil a capital federal passa a contar com um contingente de mão de obra bem maior do que a demanda de seu mercado exigia, além disso a cidade não possuía mais habitações suficientes para abrigar toda a população que estava chegando, tampouco possuía infra-estrutura para fornecer alimentação necessária à crescente população (SEVCENKO, 1995)<sup>4</sup>:

“O abastecimento de carnes e gêneros, que era bastante precário desde antes desse quadro de imigração tumultuária, seria terrivelmente agravado por ele, em vista da ausência de uma adequada estrutura agrária de produção, estoques e distribuição em torno da cidade e no próprio Estado do Rio de Janeiro”.

A cidade do Rio de Janeiro durante o nascimento da República estava mergulhada no mais profundo caos social, além da crise econômica que se iniciara com a política do Encilhamento havia também a crise provocada pelo declínio da produção cafeeira. A cidade era habitada por um enorme contingente de desempregados que não tinha onde morar e trabalhar, ficando à mercê de toda sorte de flagelos; crianças e jovens fora da escola, expostos ao crime, sem nenhuma perspectiva de melhora no futuro. Além dos graves problemas existentes a população pobre também se viu restringida em sua liberdade de expressão e no direito de realizar suas reuniões para celebrar suas festas e tradições (SEVCENKO, 1995)<sup>5</sup>:

“Cerceados nas suas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, empurrados para as regiões desvalorizadas: pântanos, morros, bairros coloniais sem infraestrutura, subúrbios distantes, matas; discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura; ameaçados com os isolamentos compulsórios das prisões, depósitos, colônias, hospícios, isolamentos sanitários; degradados social e moralmente, tanto quanto ao

---

<sup>3</sup> Idem ibidem, p. 51.

<sup>4</sup> Idem ibidem, p. 52.

<sup>5</sup> Idem ibidem, p. 66.

nível de vida, era virtualmente impossível contê-los quando explodiam em motins espontâneos.”

A população carioca, reprimida pelo poder público e abandonada à mercê da própria sorte pelo mesmo poder não se sentia representada pelos governantes, tampouco recebeu instrução para que se tornasse politicamente ativa, interessada pelos assuntos públicos, em outras palavras a população pobre não recebeu condições para se tornar cidadã, a população, de maneira geral, se viu profundamente frustrada com o governo republicano. Como nos mostra CARVALHO (2016)<sup>6</sup>:

“A expectativa inicial, despertada pela República, de maior participação, foi sendo assim sistematicamente frustrada. Desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo Floriano; desapontaram-se os operários, sobretudo sua liderança socialista, com as dificuldades de se organizarem em partidos e de participarem do processo eleitoral (...)”.

É nesse contexto de falta de participação da população na vida política da cidade, e de extrema desigualdade social, que Lima Barreto escreve seus romances e crônicas, registrando o retrato de um país convulso, de um momento histórico marcado pela esperança diante do fim do Império e nascimento da República, esperança de que a situação da grande maioria da população iria finalmente mudar para melhor por meio de justiça social, porém o que se verifica é que o novo regime não satisfaz as expectativas da população (CARVALHO, 2016)<sup>7</sup>:

“Durante quase dez anos de República, as agitações se sucediam na capital, havia guerra civil nos estados do Sul, percebiam-se riscos de fragmentação do país, a economia estava ameaçada pela crise de mercado do café e pelas dificuldades de administrar a dívida externa.”

O novo regime, além de não resolver os profundos problemas sociais não cumpriu o que era esperado pela população pobre, isto é, não a incorporou à sociedade, não permitiu a ampliação da participação dos cidadãos na política, mulheres, negros, analfabetos e pobres em geral continuaram sem o direito de votar, visto que para se obter o direito ao voto era necessário ser alfabetizado e possuir alta renda, desta forma cerca de 80% da população continuou excluída, sem o direito político ao voto, sem se interessar pelos assuntos públicos e sem esperança de que a República fosse um dia garantir o desenvolvimento em relação às liberdades cívicas. Ainda nas lições de CARVALHO (2016)<sup>8</sup>:

“Sendo função social antes que direito, o voto era concedido àqueles a

---

<sup>6</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ªEd; São Paulo: Companhia das letras, 2016, p. 37.

<sup>7</sup> Idem, p. 31.

<sup>8</sup> Idem ibidem, pp. 44-55.

quem a sociedade julgava poder confiar sua preservação. No Império como na República, foram excluídos os pobres (seja pela renda, seja pela exigência da alfabetização), os mendigos, as mulheres, os menores de idade, as praças de pré, os membros de ordens religiosas. Ficava fora da sociedade política a grande maioria da população.”

Durante os primeiros anos do regime republicano o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro foi marcado por intensas agitações que vinham principalmente das camadas populares que em diversos momentos se revoltou, causando tumultos e motins pelas ruas da cidade (CARVALHO, 2016)<sup>9</sup>:

“Se na proclamação da República a participação popular foi realmente arranjada de última hora e de efeito apenas cosmético, logo após as agitações se tornaram cada vez mais frequentes e variadas, incluindo greves operárias, passeatas, quebra-quebras. O auge da agitação deu-se em entre a Revolta da Armada em 1893 e o atentado contra Prudente de Moraes em 1897.”

A Revolta da Armada, movimento de rebelião da marinha brasileira contra o governo republicano, foi um dos momentos de maior tensão ocorridos durante os primeiros anos da República, em meio a agitações, arruaças e protestos causados pela crise econômica e situação de extrema pobreza da maior parte da população. O movimento de revolta da marinha brasileira se insere no contexto descrito por Lima Barreto em seu romance “Triste fim de Policarpo Quaresma”, no qual o major patriota participa ativamente como combatente em um dos batalhões para defender o governo do marechal Floriano Peixoto, então presidente da República brasileira, a quem ele tanto admira e defende.

## **O Brasil agrário**

Em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, obra principal de Lima Barreto, o Brasil interiorano é retratado em um determinado momento da narrativa em que o protagonista, o major Quaresma, se muda para Curuzu, interior do estado do Rio de Janeiro, para viver uma vida tranquila e sadia durante sua aposentadoria. Ao longo do enredo o major se esforça para provar que as terras do Brasil são as mais férteis do mundo, em seu novo modo de vida, destinado a exaltar as qualidades do solo brasileiro, o incansável patriota decide empenhar todas as suas forças e conhecimentos no cultivo de hortas e pomares, assim como na criação de pequenos animais; o objetivo é demonstrar como o solo brasileiro é fecundo, o major também tem a esperança de servir como exemplo aos seus vizinhos e demais pequenos

---

<sup>9</sup> Idem ibidem, p. 70.

proprietários de terras da região onde está habitando. Em diversos momentos obstáculos são enfrentados durante suas tarefas agrárias: suas plantações são atacadas por formigas, sua criação de galinhas é atacada por uma devastadora praga contra a qual não há soluções; diante de tantas dificuldades Policarpo percebe que sem a ajuda de autoridades locais não é possível vencer os problemas, nem mesmo há nenhuma espécie de cooperativa de agricultores na região, que na falta do apoio do poder público poderia ajudar a população camponesa em relação à sua subsistência. Conforme o tempo passa o novo agricultor de Curuzu começa a perceber aos poucos que a população campestre que habita na região é muito pobre. Narra BARRETO (2016)<sup>10</sup>:

“Desde que ali se instalara, nenhuma visita batera à porta de Quaresma, a não ser a gente pobre do lugar, a pedir isso ou aquilo, esmolando disfarçadamente.”

Mais adiante na narrativa, Olga, afilhada do major Quaresma, também percebe a pobreza dos camponeses que habitam nos arredores do sítio de seu padrinho, a moça, educada na cidade grande, fica impressionada com a realidade da população rural da cidade de Curuzu, pois ela acreditava que os camponeses brasileiros vivessem bem, levando uma vida sadia e abundante, porém a realidade que se verifica durante um passeio feito aos arredores do sítio de seu padrinho é outra (BARRETO, 2016)<sup>11</sup>:

“O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele sopapo que deixava ver a trama das varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar. As populações mais acusadas de preguiça trabalham relativamente. Na África, na Índia, na Cochinchina, em toda parte os casais, as famílias, as tribos plantam, um pouco, algumas coisas para eles. Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos! ... (...) aquilo era uma situação de camponês da Idade Média e começo da nossa (...).”

---

<sup>10</sup> LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 5ª Ed; São Paulo: Martin Claret, 2016, pp. 92-93.

<sup>11</sup> Idem, p. 120.

Olga volta do passeio que fez pelas redondezas do sítio perplexa com a situação dos camponeses da cidade de Curuzu, ela se pergunta o porquê daquela realidade tão diferente da que imaginara em relação ao campo, diante de tantas dúvidas e assombro decide conversar com Felizardo, empregado de seu padrinho que mora na vizinhança e fora contratado para ajudar com o serviço rural; ao perguntar ao homem a respeito do seu trabalho como agricultor e sobre as terras onde mora e por qual motivo ele não cultiva nenhuma plantação Felizardo revela que o sítio onde reside não pertence a ele, além disso não há condições de cultivar plantações porque ele e a população local não recebem nenhum tipo de incentivo do poder público para plantar e cultivar: os moradores não recebem sementes, nenhum tipo de maquinário ou ajuda de custo, a população rural nem mesmo recebe a posse das pequenas terras onde reside, ao passo que imigrantes europeus trazidos para o país pelo governo recebem chácaras para iniciarem uma nova vida, assim como ferramentas adequadas e todos os incentivos necessários para cultivar plantações e se tornarem independentes.

Felizardo em sua conversa com Olga deixa claro que o governo do país não se importa com a situação dos brasileiros, especialmente com a situação dos ex-escravos que ao receberem sua alforria foram abandonados à própria sorte, todos os brasileiros pobres são deixados à mercê das adversidades (BARRETO, 2016)<sup>12</sup>:

“Terra não é nossa... E ‘frumiga’? ... Nós não tem ferramenta... isso é bom para italiano ou ‘alamão’, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...”.

Olga ainda se pergunta de quem seria, então, todas aquelas terras que vira abandonadas nas redondezas do sítio de seu padrinho, todos aqueles sítios que poderiam abrigar famílias inteiras, poderiam ser cultivados e produzir alimentos para o sustento de muitas outras famílias, inclusive poderiam ajudar a abastecer o setor alimentício de outras cidades da região, uma vez que à época o estado do Rio de Janeiro não possuía estrutura agrária suficiente para alimentar a população da capital federal que crescia desenfreadamente (BARRETO, 2016)<sup>13</sup>:

“E a terra não era dele? Mas de quem era, então, tanta terra abandonada que se encontrava por aí? Ela vira até fazendas fechadas, com as casas em ruínas...Por que esse acaparamento, esses latifúndios inúteis e improdutivos?”

Em outros momentos da narrativa o major é surpreendido por abusos de

---

<sup>12</sup> Idem ibidem, p. 121.

<sup>13</sup> Idem ibidem, p. 121.

autoridades locais, como a de um deputado e um tenente escrivão da coletoria; ambos tentam atrai-lo para perto, em busca de seu apoio para as eleições do município, porém o major patriota não se interessa por política e recusa se envolver com as disputas partidárias locais. Sua notável postura indiferente diante das disputas locais acaba por fazer com que ele sofra represálias por parte das autoridades que tentaram conquistar o seu apoio: o município o obriga a capinar a estrada em toda extensão que acompanha o seu sítio, e o tenente escrivão o faz pagar imposto por ter enviado algumas frutas e legumes de sua lavoura à capital para venda.

Diante das imposições absurdas feitas pelas autoridades locais o major finalmente compreende a razão do abandono de tantas terras à sua volta, assim como a razão do comportamento apático da população camponesa, o major compreende que a rede de leis é utilizada de maneira perversa, apenas para satisfazer os interesses de uma pequena classe política, beneficiando-a e servindo como instrumento de vingança contra aqueles que relutam em não se alinhar a nenhum dos lados dentro das disputas partidárias (BARRETO, 2016)<sup>14</sup>:

“A luz se lhe fez no pensamento...Aquela rede de leis, de posturas, de códigos e de preceitos, nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformava em potro, em polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa e a independência, abatendo-as, desmoralizando-as. Pelos seus olhos passaram num instante aquelas faces amareladas e chupadas que se encostavam nos portais das vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, d’olhos baixos, a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insetos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho em casa e bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos – esse quadro passou-lhe pelos olhos com a rapidez e o brilho sinistro do relâmpago (...)”.

Além dos obstáculos impostos pelas autoridades locais como represálias ao comportamento indiferente de Policarpo em relação às disputas partidárias da cidade o major enfrenta outros problemas ao longo de sua experiência agrária, como uma praga misteriosa que mata mais da metade de sua criação de galinhas, e também formigas que atacam seu pomar e suas hortas, destruindo tudo e lhe dando grande prejuízo.

Em face de tantos acontecimentos e do testemunho da situação dos camponeses o major se recorda de seus antigos projetos nacionalistas como o estudo do tupi, do folclore, do estudo do violão, das modinhas e suas tentativas

---

<sup>14</sup> Idem ibidem, pp. 133-134.

agrícolas; tudo isso lhe parece insignificante e pueril perante os problemas estruturais que descobrira no campo; compreende que a população rural jamais conseguiria manter grandes criações de animais, cultivar o solo e viver de suas próprias produções sem receber incentivos do governo, ele, que fora para o campo pensando em levar uma vida tranquila durante a aposentadoria e resolvera viver como agricultor para servir de exemplo aos camponeses da cidade de Curuzu, aos poucos, a partir de suas próprias experiências em seu sítio começa a compreender a verdadeira realidade da população pobre e campesina do Brasil, ele, patriota incondicional, começa a se dar conta de que o país necessita de reformas estruturais imediatas capazes de o fazer crescer, prosperar, se tornar independente e melhorar a vida da população pobre por meio da distribuição de renda (BARRETO, 2016)<sup>15</sup>:

“Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador...Então sim! O celeiro surgiria e a Pátria seria feliz.”

Em outro momento do enredo Quaresma volta à capital após o início da Revolta da Armada para defender o governo; antes de juntar-se a um batalhão o major encontra o presidente para oferecer-lhe seus serviços, nessa ocasião ele mostra a Floriano um memorial que escrevera a respeito das reformas estruturais que pensara para o Brasil, no documento expunha as medidas necessárias para o levantamento e fortalecimento do setor agrário, apontando todos os entraves existentes à população rural: obstáculos provenientes da grande concentração de terras nas mãos de poucos, dos altos impostos cobrados aos pequenos produtores, da legislação defeituosa inadaptável às condições do país e dos abusos cometidos por autoridades locais. O major coloca no memorial todo o seu esforço para servir ao seu país, toda a sua experiência adquirida a partir de suas vivências no campo que lhe permitiram entrar em contato com a realidade do camponês brasileiro, realidade muito diferente da que ele e sua afilhada Olga imaginavam, visto que os dois romantizavam o Brasil rural ao imaginar um lugar próspero, habitado por pessoas sadias e felizes, onde cada família tinha o seu pedaço de terra para cultivar e garantir a sua subsistência.

Floriano Peixoto se aborrece ao escutar as denúncias sobre o que ocorre no

---

<sup>15</sup> Idem ibidem, 135.

campo, tampouco dá atenção às propostas de reforma agrária; o presidente, ao ouvir as ideias do major para a consolidação de um governo forte, considera que o major Quaresma é apenas um visionário.

Os obstáculos enfrentados pelo major durante sua vida no campo, assim como a dura realidade da população rural brasileira são descritos pelo historiador SEVCENKO (1995)<sup>16</sup>, ao falar de Lima Barreto e sua época: o início da Primeira República:

“Mas o fundamental para o autor, evidentemente, repousava no efeito de toda essa pantomima sobre o país e sua população. A politicagem desenfreada representava o pleno regime da irracionalidade administrativa percutindo por toda parte e sobre todos, gerando mal-estar, insegurança, privação, miséria e marginalização. Para o interior e as populações rurais, o abandono era absoluto; nas cidades, os beneficiados constituíam sempre o mesmo e diminuto grupo. As estruturas sociais e econômicas da nação como que se congelavam, na esteira da agremiação política, passando a definhando no marasmo.”

O protagonista de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, o obstinado major patriota, ao longo do enredo, amadurece sua visão em relação ao Brasil, pois sua trajetória em seus últimos anos de vida o leva a passar por experiências que o coloca em contato direto com a realidade da população rural; diante do quadro tão diferente do que imaginara Quaresma fica desolado, e a partir do choque que leva passa a perceber que o país necessita de reformas urgentes e profundas. As reformas pensadas por Quaresma após tomar conhecimento da realidade agrária brasileira antecipam, ainda no início da Primeira República, as reformas de base que foram propostas durante o governo do presidente João Goulart (1961-1964).

Durante o governo Goulart reformas estruturais foram pensadas com o intuito de se desenvolver o país; a proposta do governo Goulart era reestruturar os setores econômico, político e social, em outras palavras as chamadas reformas de base almejavam fazer alterações bancárias, fiscais, urbanas, agrárias, administrativas e universitárias. A reforma agrária, cuja necessidade emergencial foi percebida pelo major Policarpo Quaresma durante sua experiência como agricultor, era prioridade dentre o conjunto de reformas proposto pelo governo de João Goulart, que foi encerrado com o golpe militar de 1964 antes que as reformas fossem realizadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

<sup>16</sup>, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª Ed; São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 171.

Lima Barreto, o cronista de Todos os Santos, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, assistiu à Proclamação da República brasileira; assim como muitos brasileiros de sua época Lima nutria grandes expectativas em relação ao regime republicano, esperava-se que com o advento da República o Brasil finalmente conseguiria superar seus profundos problemas, como a aguda crise econômica na qual estava mergulhado desde o Encilhamento, a profunda desigualdade social que cavava abismos entre as classes dominantes e os pobres, o alto índice de desemprego e toda a situação precária do operariado que vivia em condições desumanas na capital federal enquanto o governo se preocupava em transmitir uma imagem moderna, europeizada e civilizada ao mundo. Durante o início da Primeira República a cidade do Rio ainda mantinha fortes traços coloniais, além disso era atrasada, caótica e insalubre; fazia-se necessário promover grandes reformas na paisagem urbana, visto que o país estava em contato constante com os comércios europeu e estadunidense, assim como havia a presença corriqueira de estrangeiros no país. Por meio do contato com os europeus, especialmente os franceses, chega ao Brasil as influências da Belle Époque e com elas o desejo pelas novidades do mundo moderno; logo a elite carioca passa a ser fortemente influenciada pelos ideais e pelo modo de vida vindos de Paris, grande centro difusor da Belle Époque - época marcada pelo otimismo frente ao período de paz vivido entre 1871 e 1914, além dos avanços nos âmbitos tecnológico e econômico houve também inovações no âmbito cultural; países europeus como França, Itália, Alemanha e Reino Unido vivenciaram grandes avanços nesse período de euforia otimista.

A cidade do Rio, atrasada inclusive em relação a cidades de outros países sul-americanos necessitava de uma renovação que ultrapassava os limites do plano concreto, fazia-se necessário remodelar os hábitos e costumes de um povo, e para isso era necessário reformar a mentalidade da sociedade carioca como um todo, a partir da importação de um modelo de comportamento europeu. A alta sociedade carioca importou da Europa novos padrões de civilidade, resultando, assim, na censura de todas as manifestações de cunho popular.

Com a remodelação do centro da cidade as camadas populares, compostas por negros, mulatos, brancos e portugueses pobres foram expulsas para os morros da cidade e para os longínquos subúrbios, originando, assim, as primeiras favelas da cidade do Rio de Janeiro; enquanto a população pobre era varrida para os subúrbios

e morros as ruas do centro eram tomadas por um ritmo de reforma frenético. Enquanto o operariado e o contingente de ex-escravos eram removidos da paisagem urbana suas tradições também eram ameaçadas pelo “nova” cidade nascente, qualquer expressão de cultura popular passou a ser censurada pelo poder público, assim como pela elite local. Enquanto a classe dominante carioca vivia a modernidade, se esforçando para parecer civilizada, afrancesada e enquadrada no espírito da Belle Époque a classe operária vivia amontoada em cortiços e casas de pensões, nas piores condições de higiene, sem emprego, e por fim, expulsa de sua casa e marginalizada.

Lima Barreto, escritor negro, habitante do subúrbio carioca, assistira ao nascimento da República, e sentiu, como todos os brasileiros pobres, brancos ou negros, e também estrangeiros, o peso da marginalização e abandono do poder público durante um período conturbado da história do Brasil. Com a Proclamação da República as expectativas de muitos brasileiros não foram correspondidas, visto que a profunda crise econômica na qual o país estava mergulhado não foi solucionada.

Em seu mais conhecido romance, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, Lima Barreto retrata um período de esperança, terreno fértil para a euforia nacionalista, fruto de expectativas depositadas no regime republicano, porém o que se verifica é que o novo regime não foi capaz de solucionar os graves problemas do país que continuavam a se arrastar. Em seu protagonista, o major patriota Quaresma, está retratado o nacionalismo romântico que surgiu com o advento da República, porém assim como o major patriota os brasileiros que foram tomados pelo espírito nacionalista durante o início da República desconheciam a verdadeira realidade da maioria dos brasileiros, visto que essas pessoas eram, em sua maioria, provenientes de classes abastadas. Policarpo Quaresma, patriota incondicional, representa em um primeiro momento a euforia nacionalista, alimentada pela esperança no futuro, alimentada pela existência de riquezas grandiosas espalhadas pelo Brasil, país com capacidade para ser uma potência, porém, aos poucos, o protagonista passa a compreender a realidade que o cerca, deixando de ser otimista e ficando cada vez mais apreensivo com a situação da população camponesa que o cerca. O personagem de Lima Barreto muda radicalmente sua maneira de ver o Brasil ao longo do enredo, acaba por entrar em choque com a verdadeira realidade, descobrindo-a dura, especialmente com a população pobre; Policarpo Quaresma acaba por ser fuzilado a mando de Floriano Peixoto, a quem tanto admirava e

chegou a defender seu governo com sua própria vida. O major Quaresma representa, de forma caricata, o nacionalismo exacerbado que surgiu com o nascimento da República e a desilusão de quem conheceu a verdadeira realidade do Brasil, assim como a desilusão e desespero advindas do fracasso do regime republicano, regime que um dia representou a esperança da mudança e do desenvolvimento.

O personagem patriota de Lima Barreto percebe, ao longo do enredo, a necessidade urgente de grandes reformas no país, visto que após anos romantizando sua pátria percebe finalmente que o Brasil fora estruturado na injustiça. Quaresma planeja medidas para levantar o setor agrário e chega a levar suas ideias até o presidente Floriano Peixoto, que o ignora e ainda o chama de visionário. Tais reformas urgentes percebidas pelo major durante sua vida no campo são propostas mais adiante, durante o governo de João Goulart (1961 – 1964). Dentre as chamadas reformas de base propostas pelo governo Goulart estavam a tributária, administrativa, urbana e agrária, que fora considerada prioridade, porém o projeto das reformas de base não foi realizado devido ao Golpe de Estado civil-militar de 1964.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BANDEIRA**, Luiz Alberto de Vianna Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.

**BEZERRA**, Jane Mary Cunha. *Anarquismo, antipatriotismo e forma literária*. Fortaleza, 2010. (Dissertação de mestrado).

**BOSI**, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª Ed; São Paulo: Cultrix, 1970.

**CÂNDIDO**, Antônio. *Os olhos, a barca e o espelho*. In: A educação pela noite. São Paulo: Ática, 1989.

**CARVALHO**, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ª Ed; São Paulo: Companhia das letras, 2016.

**LIMA BARRETO**, Afonso Henriques de. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 5ª Ed; São Paulo: Martin Claret, 2016.

**PRADO JÚNIOR**, Caio. *A questão agrária*. 3ª Ed; São Paulo: Brasiliense, 1981.

**SEVCENKO**, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª Ed; São Paulo: Brasiliense, 1995.

**SOUZA**, Renato Dias de. *As representações do nacionalismo em Lima Barreto*.